

in NICO, B. (2002) "O(a) caloiro(a) universitário(a): um caso cada vez mais particular num universo cada vez mais global". in Margarida Fernandes *et al* (Orgs.). *O Particular e o Global no virar do milénio (Atas do V Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação)*. Porto: SPCE.

O(A) caloiro(a) universitário(a): um caso cada vez mais particular num universo cada vez mais global

José Bravo Nico

Universidade de Évora

Resumo

Os percursos de aprendizagem proporcionados pelo currículo formal das Universidades, aos seus alunos de primeiro ano, têm vindo a revelar-se, por vezes, como autênticos obstáculos a uma adaptação tranquila e a um trabalho rentável.

Oriundos de uma estrutura curricular pouco compatível com aquela que vão encontrar nas Universidades, os(as) alunos(as) universitários de primeiro ano sentem, por vezes e em determinadas circunstâncias, grandes dificuldades em se adaptarem à nova arquitectura curricular, na qual têm de construir o seu percurso individual de aprendizagem e de formação.

Assim sendo, para alguns alunos caloiros, um dos sentimentos mais fortes dos primeiros tempos de Universidade parece ser algum desconforto académico (NICO, 1997; 1998). Embora revele consequências diversas, particularmente de índole psicológica, as causas mais profundas para esse estado a que chegam alguns alunos universitários, parecem radicar na incapacidade de conceber e gerir, de forma adequada, os respectivos processos individuais de aprendizagem.

A comunicação que se apresenta, pretende retratar, parcialmente, a intervenção que foi feita, junto de um grupo de alunos do 1º ano da Universidade de Évora, no âmbito de um projecto de doutoramento, recorrendo-se ao PADÉCA-Programme D'Aide au Developpement de la Capacité d'Apprentissage (BERBAUM, 1988).

Introdução

Os percursos de aprendizagem proporcionados pelo currículo formal das Universidades, aos seus alunos de primeiro ano, têm vindo a revelar-se, por vezes, como autênticos obstáculos a uma adaptação tranquila e a um trabalho rentável.

Oriundos de uma estrutura curricular pouco compatível com aquela que vão encontrar nas Universidades, os(as) alunos(as) universitários de primeiro ano sentem, por vezes e em determinadas cir-

cunhâncias, grandes dificuldades em se adaptarem à nova arquitectura curricular, na qual têm de construir o seu percurso individual de aprendizagem e de formação.

Assim sendo, para alguns alunos caloiros, um dos sentimentos mais fortes dos primeiros tempos de Universidade parece ser algum desconforto académico (NICO, 1998a). Embora revele consequências diversas, particularmente de índole psicológica, as causas mais profundas para esse estado a que chegam alguns alunos universitários, parecem radicar na incapacidade de conceber e gerir, de forma adequada, os respectivos processos individuais de aprendizagem.

A comunicação que se apresenta, pretende retratar, parcialmente, a intervenção que foi feita, junto de um grupo de alunos do 1º ano da Universidade de Évora, no âmbito de um projecto de doutoramento, recorrendo-se ao PADÉCA – Programa de Auxílio para o Desenvolvimento da Capacidade de Aprendizagem (BERBAUM, 1992).

O contexto

As instituições de Ensino Superior Universitário portuguesas, devido à crescente massificação verificada, nos últimos anos, neste nível de ensino, começam a sentir a necessidade de considerar dimensões da vida académica, que, até há pouco tempo, não faziam parte integrante das decisões de natureza curricular que, até então, se tomavam.

É hoje aceite, de forma generalizada, que, nas Universidades, para lá de se ensinar, se deve aprender e, principalmente, viver. Aprender a aprender e aprender a viver, numa constante adaptação a um mundo, também ele, extremamente dinâmico e imprevisível. É na Universidade que os(as) jovens passam um dos períodos mais dinâmicos e intensos das suas vidas. É na Universidade que, muitas vezes, se constroem ou destroem projectos de vida. É na Universidade que, tantas vezes, se decide o rumo a dar às vidas pessoais e profissionais.

Se, até ao presente, o design curricular universitário assentava numa base extremamente ortodoxa e, fundamentalmente, rígida, quase diríamos cartesiana (Nico, 1998), a crescente heterogeneidade de pessoas – respectivas necessidades e expectativas –, que todos os anos accdem à Universidade, estão, neste momento, a gerar, nas instituições, uma outra postura organizacional, levando para outras dimensões, as bases das decisões e da concepção curriculares.

A capacidade institucional de se adaptar às regras do mercado da educação superior, o previsível declínio da procura e os novos mecanismos de avaliação e financiamento institucionais, farão com que as Universidades repensem a oferta educativa que disponibilizam aos seus, potenciais, estudantes. E aqui, retomamos a nossa ideia de há pouco: o(a) estudante universitário(a), do presente e do futuro, não procura, unicamente, um local para ser ensinado; o(a) estudante procurará, cada vez mais, uma Universidade onde possa aceder a percursos de formação flexíveis e adaptáveis às suas necessidades e características e onde possa, simultaneamente, reunir as condições para se sentir confortável, onde possa ser feliz, durante os anos em que a frequentar. A Universidade, no fundo, como um espaço e um tempo de vida. O tal currículo, já não cartesiano, mas, porque não, einsteiniano (Nico, 1998b)?

Foi neste pressuposto, que, no ano lectivo, 1998/99 se realizou, na Universidade de Évora, uma experiência, que consistiu em proporcionar a alguns estudantes a possibilidade de participarem num programa curricular de apoio a estudantes de primeiro ano (caloiros). Esta investigação-acção decorreu no âmbito do nosso próprio projecto de doutoramento, que conta com a orientação do Professor Doutor Vítor Trindade e da Professora Doutora Maria Teresa Estrela. Os resultados apresentados deverão ser considerados parciais e provisórios, uma vez que a investigação ainda decorre.

ca)
Un
dar
tal,
um
altu
técr
entr
O gr

I.

O p
de trab

Os

Salv
mos, po
Poni
do, pode
tal e de c

O que se fez

Constituiu-se uma equipa multi-disciplinar (docentes de Ciências da Educação, Psicologia e Química) e escolheu-se, como espaço de intervenção, uma das disciplinas com maior taxa de reprovações na Universidade de Évora. Consideraram-se, por conveniência (disponibilidade), duas amostras de estudantes caloiros(as), que frequentavam a disciplina e foi preparado um procedimento quasi-experimental, no qual houve um grupo experimental e um grupo de controlo. O grupo experimental teve acesso a um programa curricular de apoio, que consistiu na criação, dentro da realidade curricular daqueles alunos, de espaços e tempos, nos quais se abordaram temas como a gestão e organização do tempo, técnicas de memorização, técnicas de leitura, projectos de vida, regras institucionais na universidade, entre outros assuntos propostos pelos próprios estudantes ou negociados por estudantes e professores. O grupo de controlo não acedeu a este programa curricular de apoio.

Foram fixadas as seguintes variáveis dependentes:

1. Conforto Académico (Nico 1998a, 1998b), considerando-se as dimensões

- conforto institucional (CA Institucional)
- conforto na relação com os colegas (CA Colegas)
- conforto na relação com os professores (CA Professores)
- conforto pedagógico (CA Pedagógico)
- conforto pessoal (CA Pessoal)
- conforto na recepção (CA Recepção)
- conforto periescolar (CA Periescolar)
- conforto total (CA Total)

1. Tipo de Abordagem à Aprendizagem (Duarte, 1996), considerando-se as dimensões:

- motivação instrumental (M Instrumental)
- motivação intrínseca (M Intrínseca)
- motivação de realização (M Realização)
- estratégia superficial (E Superficial)
- estratégia profunda (E Profunda)
- estratégia de sucesso (E Sucesso)

O programa curricular decorreu durante todo o primeiro semestre, tendo sido realizadas 10 sessões de trabalho e efectuados pré e pós-testes nas variáveis já referenciadas.

Os resultados

Salvaguardando, uma vez mais, a natureza parcial e provisória dos resultados, que aqui apresentamos, podemos visualizar os efeitos da nossa intervenção, através do quadro 1:

Ponderando os parâmetros de significância de todas as dimensões das variáveis dependentes em estudo, poderemos concluir, que existem diferenças, estatisticamente, significativas entre os grupos experimental e de controlo, no que respeita ao Conforto Académico (em todas as dimensões consideradas) e ao Tipo

Quadro I – a comparação intergrupos (situação final)

| Variável Dependente | Dimensão | Co-Variada | F | Sig. | Decisão |
|-------------------------|----------------------------------|-------------------|-----------------|-------|------------|
| Conforto Académico (CA) | CA2 Institucional | CA1 Institucional | 10,449 | 0,000 | GE>GC d.s. |
| | CA2 Colegas | CA1 Colegas | 13,977 | 0,000 | GE>GC d.s. |
| | CA2 Professores | CA1 Professores | 3,175 | 0,036 | GE>GC d.s. |
| | CA2 Pessoal | CA1 Pessoal | 8,774 | 0,000 | GE>GC d.s. |
| | CA2 Pedagógico | CA1 Pedagógico | 6,957 | 0,001 | GE>GC d.s. |
| | CA2 Recepção | CA1 Recepção | 7,009 | 0,001 | GE>GC d.s. |
| | CA2 Periescolar | CA1 Periescolar | 8,685 | 0,000 | GE>GC d.s. |
| | CA2 Total | CA1 Total | 15,722 | 0,000 | GE>GC d.s. |
| | Tipo de Abordagem à Aprendizagem | M2 Instrumental | M1 Instrumental | 2,178 | 0,107 |
| M2 Intrínseca | | M1 Intrínseca | 1,161 | 0,338 | GC>GE n.s. |
| M2 Realização | | M1 Realização | 11,783 | 0,000 | GE>GC d.s. |
| E2 Superficial | | E1 Superficial | 1,578 | 0,212 | GE>GC n.s. |
| E2 Profunda | | E1 Profunda | 1,188 | 0,328 | GE>GC n.s. |
| | E2 Sucesso | E1 Sucesso | 12,538 | 0,000 | GE>GC d.s. |

de Abordagem à Aprendizagem, no perfil correspondente à Abordagem de Sucesso (Duarte, 1996).

No momento em que apresentamos esta comunicação (Fevereiro de 2000), são estes os dados de que dispomos, sendo, até ao momento, reveladores de alguma eficácia do programa curricular de apoio, que disponibilizámos a um grupo de estudantes da Universidade de Évora.

Concluindo

Se assumirmos como pressuposto que o currículo universitário (como qualquer outro) deve apontar para a educação integral do indivíduo, em todas as suas dimensões, enquanto pessoa, teremos que, rapidamente, repensar o conjunto de experiências de formação que a instituição universitária dispensa aos seus estudantes (actuais e futuros). Num mundo cada dia mais incerto e desafiador das capacidades humanas de adaptação, especialização e desespecialização rápidas, a Universidade deve, também ela, ser a crista deste novo paradigma. O currículo universitário deve, portanto, deixar transparecer estes novos contornos da vida. Para que a Universidade prepare para a vida. De preferência, uma preparação, academicamente, confortável, para uma vida feliz, pessoal e profissionalmente.

Bibliografia

- BERBAUM, J. (1992). *Desenvolver a Capacidade de Aprendizagem*. Lisboa: E.S.E. João de Deus.
- CLARK, B. & NEAVE, G. (1992). *The Encyclopedia of Higher Education*. Oxford: Pergamon Press.
- DUARTE, A. (1996). A relação entre cognição e motivação ao nível da aprendizagem escolar. Uma análise do modelo das «abordagens à aprendizagem». *Psicologia*, vol. XI (1): 127-138.
- NICO, J.B. (1998a). O Conforto Académico no Ensino Superior como uma das dimensões da decisão curricular. In Albano Estrela et al (Coord.). *Actas do VIII Colóquio da APELE/AFIRSE*. Lisboa: 488-496.
- NICO, J.B. (1998b). Currículo universitário: da geometria cartesiana à relatividade einsteiniana. In José Pacheco et al (Coord.). *Actas do III Colóquio sobre Questões Curriculares*. Braga: 167-175.